GUSS

Canto e conscientização LGBTI+

Guus Tupinambá Tenorio da Silva, artisticamente conhecide como Guus, é Cantore e Estudante de Ciências Sociais pela UFRN. É formade em Canto Popular pela ETEC de Artes do Estado de São Paulo. Guus, é uma pessoa Prete, Gorde e Travesti Não-Binarie Non-binary, nascida em São Paulo, filhe de Stella Tenório e de Eduardo Tupinambá e nete de baianos. Teve uma infância muito solitária, de filhe unique, com pouques amigues, e uma ligação com música desde sempre, que se iniciou na igreja. Sempre muito hiperative, faladore, desde que a música entrou na sua vida, não existe um dia em que não cante. Sempre muito ligade ao teatro, onde boa parte dos papeis que fez eram femininos, a questão trans sempre esteve presente mesmo que de forma inconsciente, mas só transicionou aos 26. Hoje é estudante de Ciências Sociais, colunista da página Indagamos do CINE.RG e integrantes dos coletivos Manas e Monas e LGBTec.

ENTREVISTA

Guus, você se define como travesti não-binarie. Descreva, por favor, como foi descobrindo e construindo a sua identidade?

Eu morei a minha vida inteira em São Paulo, e com 15 anos me assume como gay, era o que eu achava que era, de uma família extremamente religiosa, foi um conflito imenso, tanto internamente, eu comigo mesmo, como para quem estava a minha volta. Eu sempre fui muito dedicade a coisas da igreja, e apesar da minha mãe sempre ter contato com pessoas LGBTQIA+, ela não aceitou muito bem. Lembro que quando me

assumi pela primeira vez eu levei uma bela de uma surra, ela me proibiu de sair de casa, e me encontrar com meus amigos, foi um inferno na época, mas não me arrependo, foi na época certa. Quando decidi transicionar, eu optei por fazer isso de uma forma exposta nas redes sociais e minha mãe está aceitando bem, não conversamos sobre ainda, mas ela sempre curte e compartilha meus vídeos e me protege quando rola alguma comentário de mal gosto. Há dois anos atrás surgiu a oportunidade de me mudar a trabalho para Fortaleza no Ceará e foi lá que conheci uma pessoa não-binarie, e foi essa amigue Sid, que me falou que achava que eu era. Ai eu pesquisei e realmente me identifiquei, eu sempre me vi diferente, mas não tinha referência, logo quando comecei a mudar o guarda-roupa minha percepção de mundo mudou muito, hoje a sensação de insegurança é constante. A escolha por travesti é por uma questão política e de ressignificação da palavra, primeiro de ir contra os padrões da sociedade, dos papeis sociais que são atribuídos a homens e mulheres, como também trazer força e empoderamento a uma palavra que era usada para nos agredir e hoje usamos para resistir.

Fotografia: Sidnei Maia

Sobre suas artes, como você foi se tornando uma artista musical, uma cantante, o que a motivou?

O teatro me possibilitou essa experiência de me perceber como artista e a igreja o primeiro contato com a música, mas acho que a chavinha virou depois da ETEC de Artes em 2015. O contato com a educação musical e vivência com outres artistas da música mexeu com algo em mim. Apesar de usar o termo cantore, gosto de ver minhas apresentações como interpretações, de sentir e viver o que canto, então acredito que o que me motiva é a emoção compartilhada ao cantar. Me lembro da primeira vez que fiz

um show e alguém na plateia chorou. Foi ali que percebi que cantar é um pouco mais de ar em meus pulmões, é um pouco mais de vida.

Se possível, por favor, descreva brevemente o processo: dificuldades, possibilidades, esforços e suas conquistas.

Eu passei um tempo depois da ETEC meio parade, sem produzir de forma artística, parece que esse meu lado interprete meio que morreu sabe, mas a quarentena me fez repensar muitas coisas. Eu venho de uma família pobre, meus pais sempre trabalharam muito pra sobreviver e ainda trabalham, então minha educação e vivência é totalmente periférica. Por muitas vezes eu duvidei de mim e de minhas capacidades, já ouvi muita coisa sobre a minha voz, de que eu gritava demais, por causa da potência, que cantava nas regiões erradas por ter uma voz aguda, mas resisti, persisti. Minhas conquistas podem se resumir no período da ETEC e nesse renascimento que tô vivendo agora na faculdade e nesse período caótico da pandemia, que me despertou pra arte. Até compondo eu tô agora (rs) e preparando um EP para 2021.

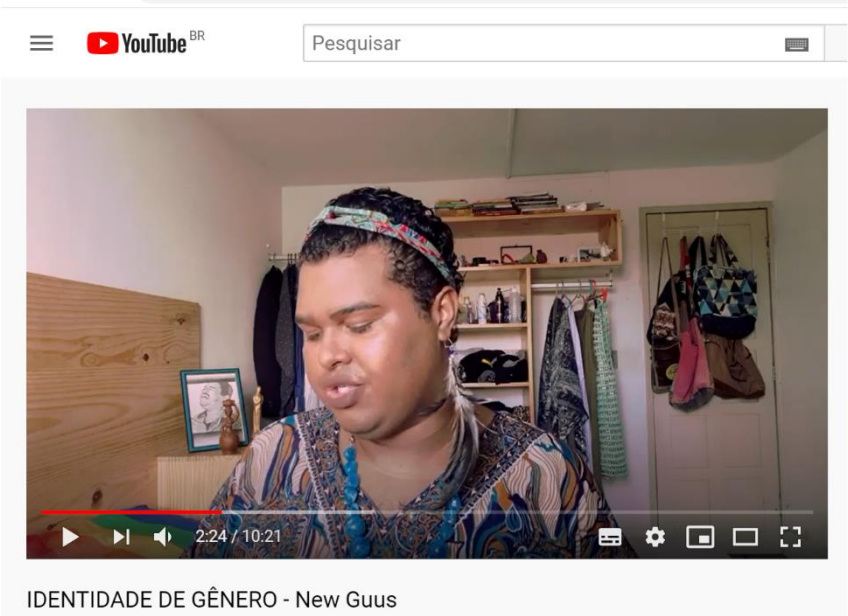
Fotografia: Sidnei Maia

Para além da arte musical, você também cria vídeos de conscientização –com um toque muito interessante de performance– sobre as dores, lutas, esperanças, e triunfos do movimento LGBT+. Poderia descrever as motivações (questões pessoais, sociais, políticas, etc.) que levaram a fazer e continuar fazendo estes vídeos?

Eu sou um corpo político, sendo Prete, Gorde e Travesti, eu sou aquilo que a sociedade mais odeia, mas também sou aquilo que mais amo hoje em dia, isso se dá

em processo de desconstrução e reconstrução que eu passei e tô passando e pretendo estar sempre. Sempre fui muito questionadore, nunca aceitei uma não pelo não, eu queria os motivos. Meus pais sofreram comigo na adolescência, sou militante desde que me entendo por gente, e o que motivou foi ser a referência que eu não tive então, de forma didática, compartilhar conhecimento sobre a comunidade LGBTQIA+ e questionar ou como gosto de falar, problematizar questões preconceituosas da nossa sociedade que são observadas em tudo, até mesmo em um desenho animado. Uma vez me disseram: você levanta bandeiras, no dia eu não respondi, mas hoje eu respondo: não eu não levanto bandeiras, EU SOU A BANDEIRA!

Quando comecei os vídeos, algumas pessoas foram contra, menosprezaram as minhas capacidades intelectuais e emocionais, mas eu sigo resistindo, e transformo toda a minha chateação, raiva e decepção em energia para a produção do meus vídeos, é assim que a gente lida com haters.



Sobre sua arte e sua luta, gostaríamos nos diga que conceitos você acha que são importantes para a construção de uma sociedade mais plural, tolerante e livre?

Acredito que o respeito e a educação. Respeito, por ele está acima da compreensão, de se entender alguma coisa, ele vem antes das dúvidas, dos erros. Quem respeita é humilde, sabe escutar, sabe conviver com o diferente e com o estranho.

E a educação como esse motor de transformação: quando houver equidade e igualdade de compartilhamento de conhecimento, a sociedade com certeza vai mudar. A educação da força e empodera qualquer pessoa, através da educação nós conhecemos as nossas potencialidades e onde aplica-las na forma correta e assim a engrenagem desse mundo ideal que a gente almeja começa a girar.

GUSS

Canto e conscientização LGBTI+

Fotografia: Sidnei Maia

Fotografia: Sidnei Maia

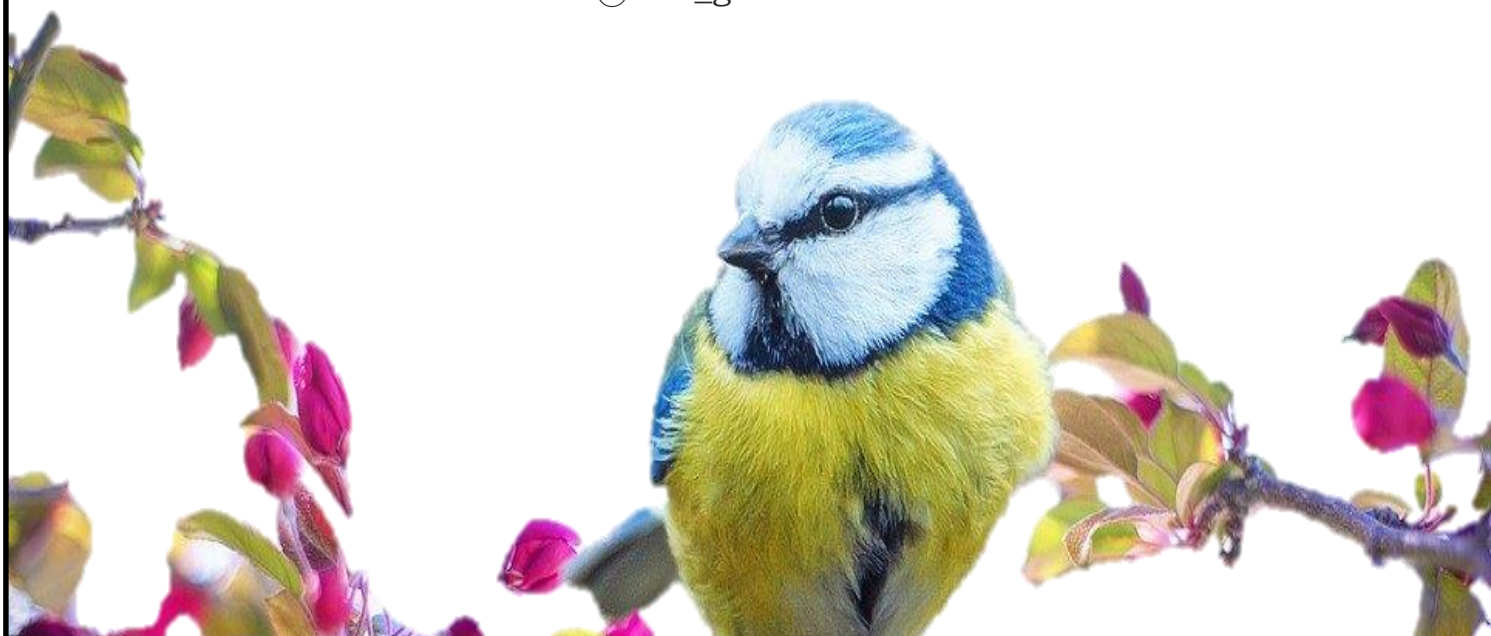
KULTRUN
BOLETIM DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS E ARTES – CILA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA
VOL. 2, N° 4, JULHO DE 2020

Fotografia: Sidnei Maia

GUUS TUPINAMBÁ TENORIO DA SILVA

Canal de Youtube

https://www.youtube.com/channel/UCAxRlEvA1aIZpih2YvLTa6Q

Instagram

@new_guus